



TEMPORADA
DOS
OSSOS

BONE SEASON

1

SAMANTHA
SHANNON



TEMPORADA
DOS
OSSOS

BONE SEASON

1

SAMANTHA
SHANNON

Tradução:
Cláudia Mello Belhassof

Para os sonhadores.

Além desta terra, e além da raça humana, existe um mundo invisível e um reino de espíritos: esse mundo nos circunda, pois está em toda parte.

— Charlotte Brontë

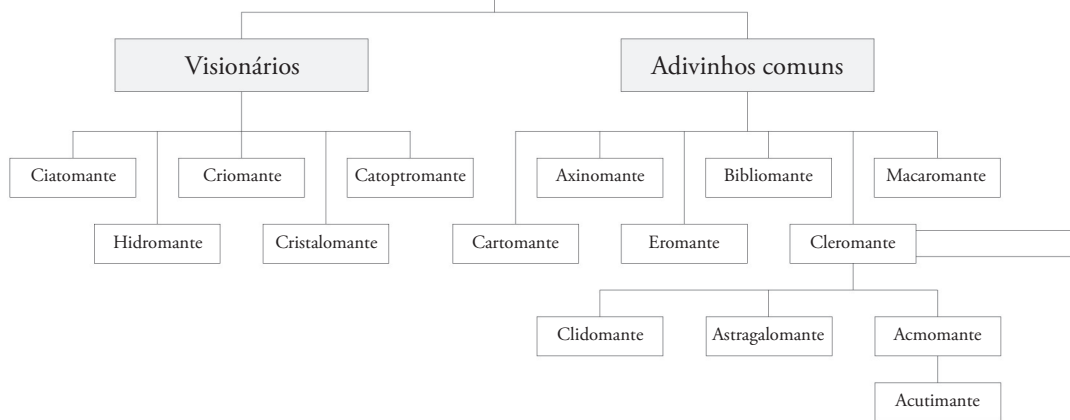
AS SETE ORDENS DE CLARIVIDENTES

– De acordo com o livro *Sobre os méritos da desnaturalidade* –

* ADIVINHOS *

— púrpura —

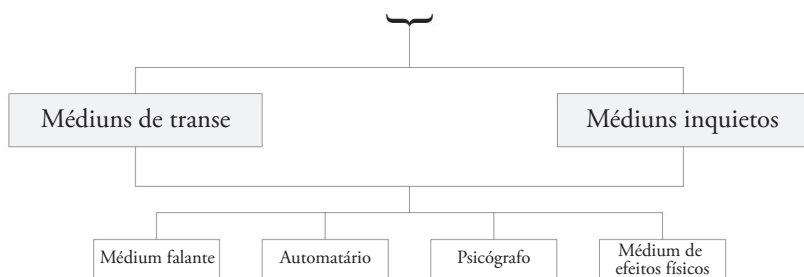
Precisam de objetos rituais (numa) para se conectar ao éter.
Usados com mais frequência para prever o futuro.



* MÉDIUNS *

— verde —

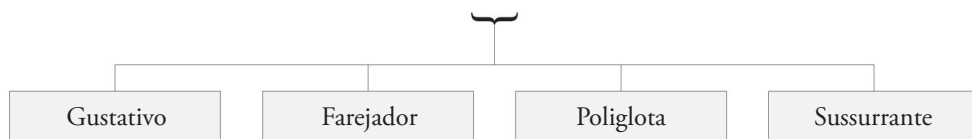
Conectam-se ao éter através da possessão espiritual. Sujeitos a certo grau de controle pelos espíritos.



* SENSITIVOS *

— amarelo —

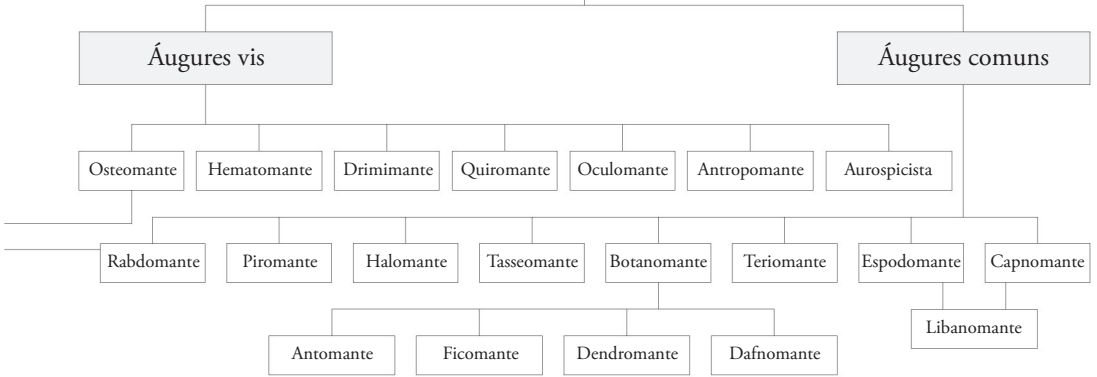
Compartilham o éter num nível sensorial e linguístico. Às vezes conseguem canalizar o éter.



* ÁGURES *

— azul —

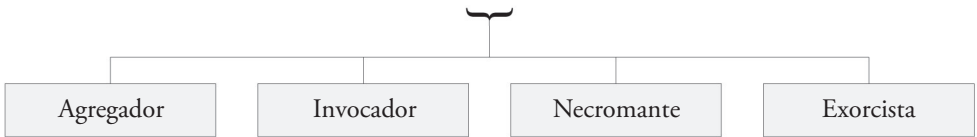
Usam a matéria orgânica ou elementos para se conectar ao éter.
Usados com mais frequência para prever o futuro.



* GUARDIÕES *

— laranja —

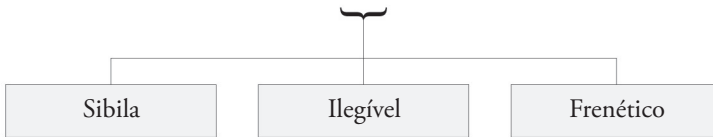
Têm mais controle sobre os espíritos e conseguem dobrar limites etéreo-espaciais comuns.



* FÚRIAS *

— laranja-avermelhado —

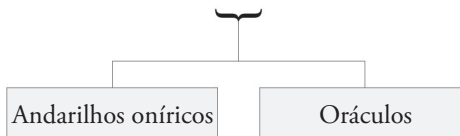
Sujeitos a mudanças internas quando se conectam ao éter, normalmente para o plano onírico.



* SALTADORES *

— vermelho —

Capazes de afetar o éter fora de seus limites físicos. Têm maior sensibilidade ao éter.





COLÔNIA PENAL DE SHEOL I

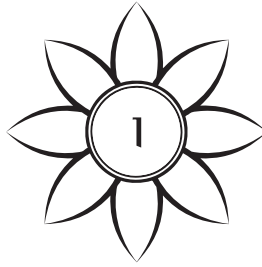
TERRITÓRIO OFICIAL DOS SUSERANOS

O Agouro



Para a Terra de Ninguém





A maldição

Gosto de imaginar que havia mais de nós no início. Não muitos, suponho. Apenas mais do que existem hoje. Somos a minoria que o mundo não aceita. Não fora dos limites da fantasia, e até ela foi proibida. Nossa aparência é como a de todas as outras pessoas. Às vezes agimos como todas as outras pessoas. De várias maneiras, nós *somos* como todas as outras pessoas. Estamos em toda parte, em todas as ruas. Vivemos de um jeito que você pode considerar normal, contanto que não olhe com muita atenção.

Nem todos entre nós sabem o que somos. Alguns morrem sem saber. Alguns de nós sabem e nunca são pegos. Mas estamos por aí.

Acredite em mim.

Morei desde os oito anos naquela parte de Londres que era chamada de Islington. Frequentei uma escola particular para meninas e saí aos dezesseis para trabalhar. Isso foi em 2056. ps 127, se você usar o calendário de Scion. Esperava-se que os jovens de ambos os sexos dessem um jeito de se sustentar como podiam, o que geralmente acontecia atrás de algum tipo de balcão. Havia muitos empregos na área de serviços. Meu pai achou que eu levaria uma vida simples; que eu era inteligente, mas sem ambição, que aceitaria qualquer emprego que aparecesse na minha frente.

Meu pai, como sempre, estava errado.

A partir dos dezesseis anos, eu trabalhei no submundo criminoso de Scion Londres – SciLo, como chamávamos nas ruas. Trabalhei com gangues implacáveis de videntes, todos dispostos a derrubar uns aos outros para sobreviver. Todos parte de um sindicato da cidadela liderado pelo Sublorde. Empurrados para a margem da sociedade, éramos forçados a entrar para o crime se quiséssemos prosperar. E assim acabamos sendo mais odiados. Fizemos as histórias se tornarem verdadeiras.

Eu tinha um pequeno espaço nesse caos. Era uma concubina, protegida de um mime-lorde. Meu chefe era um homem chamado Jaxon Hall, o mime-lorde responsável pela área 1-4. Éramos seis empregados diretos. Nós nos chamávamos de Sete Selos.

Eu não podia contar ao meu pai. Ele achava que eu trabalhava como servente num bar de oxigênio, uma ocupação mal paga, mas legalizada. Era uma mentira fácil. Ele não teria entendido se eu contasse por que passava a vida com criminosos. Ele não sabia que meu lugar era com essas pessoas. Mais do que ao lado dele.

Eu tinha dezenove anos quando minha vida mudou. Meu nome já estava conhecido nas ruas naquela época. Depois de uma semana difícil no mercado negro, eu planejava passar o fim de semana com meu pai. Jax não entendia por que eu precisava de uma folga – para ele, não havia nada nem ninguém além do sindicato –, mas ele não tinha uma família, como eu. Não uma família viva, de qualquer maneira. E, apesar de meu pai e eu nunca termos sido muito próximos, eu ainda achava que devia manter contato. Um jantar aqui, um telefonema ali, um presente na Novembrália. O único obstáculo era a lista infinita de perguntas que ele fazia. Com o que eu trabalhava? Quem eram os meus amigos? Onde eu estava morando?

Eu não podia responder. A verdade era perigosa. Ele poderia me mandar para Tower Hill por conta própria se soubesse o que eu realmente fazia. Talvez eu devesse ter contado a verdade a ele. Talvez isso o tivesse matado. De qualquer maneira, não me arrependia de fazer parte do sindicato. Minha linha de trabalho era desonesta, mas pagava bem. E, como Jax sempre dizia, é melhor ser um fora da lei do que um presunto.

* * *

Estava chovendo naquele dia. Meu último dia no trabalho.

Um aparelho de suporte de vida mantinha meus sinais vitais em funcionamento. Eu parecia morta e, de certa forma, estava: meu espírito havia se separado parcialmente do meu corpo. Esse era um crime pelo qual eu poderia ter ido para a forca.

Eu disse que trabalhava no sindicato. Vou esclarecer: eu era um tipo de hacker. Não exatamente uma *leitora* de mentes; estava mais para um radar de mentes, sintonizada com o mecanismo do éter. Eu conseguia sentir as nuances entre os planos oníricos e os espíritos ardilosos. Coisas fora de mim. Coisas que um vidente mediano não sentiria.

Jax me usava como uma ferramenta de vigilância. Meu trabalho era acompanhar a atividade etérea na seção dele. Eu costumava investigar outros videntes, ver se eles escondiam alguma coisa. No início, eram apenas pessoas que estavam no ambiente – pessoas que eu conseguia ver, ouvir e tocar –, mas ele logo percebeu que eu podia ir além disso. Eu era capaz de sentir coisas acontecendo em outros lugares: um vidente andando pela rua, uma reunião de espíritos em Garden. Contanto que eu tivesse suporte de vida, eu conseguia vasculhar o éter no raio de um quilômetro e meio a partir de Seven Dials. Dessa forma, quando ele precisava de alguém para descobrir os podres que estavam acontecendo na 1-4, pode apostar seus agouros que Jaxon chamava esta que vos fala. Ele dizia que eu tinha potencial para ir além, mas Nick se recusava a me deixar tentar. Não sabíamos o que poderia acontecer comigo.

Toda clarividência era proibida, é claro, mas o tipo que dava lucro era considerado pecado capital. Eles tinham um termo especial para isso: *mime-crime*. Comunicação com o mundo dos espíritos, especialmente para obter ganhos financeiros. O mime-crime estava entranhado nas estruturas do sindicato.

Trocar serviços de clarividência por dinheiro era comum entre quem não conseguia entrar para alguma gangue. Nós chamávamos de mercadejar. Scion chamava de traição. A penalidade oficial para esse tipo de crime era a execução por asfixia com nitrogênio, vendido sob o nome comercial de NiteKind. Ainda me lembro das manchetes: PUNIÇÃO INDOLOR: O MAIS RECENTE MILAGRE DE SCION. Eles diziam que era como ir dormir, como tomar um comprimido. Mas ainda praticavam enforcamentos públicos e as inevitáveis torturas por alta traição.

Só por respirar eu já estava cometendo alta traição.

Mas vamos voltar àquele dia. Jaxon me ligou ao aparelho de suporte de vida e me mandou investigar a seção. Eu estava me aproximando de uma mente local, um visitante frequente da Seção 4. Tentei ao máximo ver as memórias dele, mas alguma coisa sempre me impedia. Esse plano onírico era totalmente diferente de tudo o que eu já havia encontrado. Até mesmo Jax estava intrigado. Pelas camadas de mecanismos de defesa, eu diria que seu proprietário tinha vários milhares de anos, mas não podia ser isso. Era algo bem diferente.

Jax era um homem desconfiado. O costume era que um novo clarividente na sua seção se anunciasse a ele no período de quarenta e oito horas. Ele disse que outra gangue devia estar envolvida, mas ninguém do grupo da 1-4 tinha experiência suficiente para bloquear minha investigação. Nenhum deles sabia do que eu era capaz. Não era Didion Waite, que chefiava a segunda maior gangue da área. Nem um dos mercadeiros famintos que frequentavam os Dials. Não eram os mime-lords territoriais especializados em furtos etéreos. Era outra coisa.

Centenas de mentes passaram por mim em lampejos prateados na escuridão. Elas se moviam rapidamente pelas ruas, como seus proprietários. Eu não reconhecia essas pessoas. Não conseguia ver seus rostos; apenas as fronteiras expostas de suas mentes.

Eu não estava mais nos Dials. Minha percepção estava mais ao norte, apesar de eu não conseguir identificar onde. Segui a sensação familiar de perigo. A mente do desconhecido estava próxima. Ela me guiava pelo éter como um bruta-lume com uma lanterna, disparando por cima e por baixo de outras mentes. Ela se movia depressa, como se o desconhecido pudesse sentir minha presença. Como se ele estivesse tentando fugir.

Eu não deveria seguir essa luz. Não sabia aonde ela me levaria, e já estava muito distante dos Seven Dials.

“Jaxon falou para você encontrá-lo. O pensamento estava distante. Ele vai ficar bravo”. Segui adiante, me movendo mais rápido do que jamais poderia no meu corpo. Forcei os limites impostos pela minha localização física. Estava conseguindo identificar a mente ardilosa. Não era prata como as outras: não, essa era escura e fria, uma mente de gelo e pedra. Fui depressa em direção a ela. Estava tão, *tão* perto... Eu não podia perdê-lo agora...

Nesse momento, o éter tremeu ao meu redor e, num piscar de olhos, ele desapareceu. A mente do desconhecido estava fora de alcance novamente.

Alguém sacudiu meu corpo.

Meu cordão de prata – a ligação entre meu corpo e meu espírito – era extremamente sensível. Era o que me permitia sentir planos oníricos a certa distância. Também podia me fazer voltar de repente para minha pele. Quando abri os olhos, Dani estava acenando uma caneta de luz diante do meu rosto.

– Reação pupilar – disse ela para si mesma. – Ótimo.

Danica. Nosso gênio residente, inferior apenas a Jax em termos de intelecto. Ela era três anos mais velha do que eu e tinha todo o charme e sensibilidade de um soco no estômago. Nick a classificou como sociopata assim que ela foi contratada. Jax dizia que era apenas sua personalidade.

– Acorde, Onírica. – Ela me deu um tapa no rosto. – Bem-vinda de volta ao plano carnal.

O tapa doeu: um bom sinal, apesar de desagradável. Estendi a mão para soltar a máscara de oxigênio.

O brilho escuro da caverna entrou em foco. O berço de Jax era um esconderijo secreto de contrabando: filmes, músicas e livros proibidos, tudo empilhado em prateleiras empoeiradas. Havia uma série de terror barato, do tipo que se pode pegar emprestado em Garden nos fins de semana, e uma pilha de panfletos encadernados com grampeador. Aquele era o único lugar do mundo onde eu podia ler, assistir e fazer o que quisesse.

– Você não devia me acordar assim – falei. Ela conhecia as regras. – Por quanto tempo eu fiquei lá?

– Onde?

– Onde você acha?

Dani estalou os dedos.

– Certo, é claro... o éter. Desculpe. Eu não estava marcando.

Improvável. Ela nunca deixava de marcar.

Verifiquei o cronômetro azul Nixie no aparelho. A própria Dani o havia criado. Ela o chamava de Sistema de Sustento de Videntes Mortos, ou s²VM. O equipamento monitorava e controlava minhas funções vitais quando eu sentia o éter por um longo tempo. Levei um susto quando vi os números.

– Cinquenta e sete minutos. – Esfreguei as tâmporas. – Você me deixou ficar no éter por uma hora?

– Talvez.

– Uma hora inteira?

– Ordens são ordens. Jax queria que você invadisse essa mente misteriosa antes do crepúsculo. Conseguiu?

– Eu tentei.

– O que significa que fracassou. Nada de bônus para você. – Ela engoliu seu *espresso*. – Ainda não acredito que você perdeu Anne Naylor.

Ela sempre trazia esse assunto à tona. Poucos dias antes, eu tinha sido enviada à casa de leilões para recuperar um espírito que, por direito, pertencia a Jax: Anne Naylor, a famosa fantasma de Farringdon. Mas alguém deu um lance maior que o meu.

– A gente nunca teria conseguido Naylor – falei. – Didion não ia deixar esse martelo bater, não depois da última vez.

– Tanto faz. Não sei o que Jax ia fazer com uma poltergeist, de qualquer maneira. – Dani olhou para mim. – Ele disse que deu a você o fim de semana de folga. Como conseguiu isso?

– Motivos psicológicos.

– O que isso quer dizer?

– Quer dizer que você e seus aparelhos estão me enlouquecendo.

Ela jogou o copo vazio em mim.

– Eu cuido de você, sua pivete. Meus aparelhos não funcionam sozinhos. Eu podia simplesmente sair daqui para ir almoçar e deixar seu cérebro secar.

– Ele *podia mesmo* ter secado.

– Pode chorar à vontade. Você conhece o procedimento: Jax dá as ordens, nós obedecemos e recebemos o guinéu. Vá trabalhar para Hector, se não gosta. Touché.

Dani fungou e devolveu meu par de botas de couro surradas. Eu as calcei.

– Onde está todo mundo?

– Eliza está dormindo. Ela teve um surto.

Só falávamos em *surto* quando um de nós tinha um encontro quase fatal, o que, no caso de Eliza, era uma possessão espontânea. Olhei para a porta que dava para o quarto de pintura dela.

– Ela está bem?

– Vai dormir e melhorar.
– Acredito que Nick tenha dado uma olhada nela.
– Liguei para ele. Ainda está no Chat's com Jax. Ele disse que ia te levar para a casa do teu pai às cinco e meia.

Chateline's, um bar e churrascaria elegante em Neil's Yard, era um dos poucos lugares onde podíamos comer fora. O proprietário fez um acordo com a gente: se déssemos boas gorjetas, ele não contava aos Vigilantes o que éramos. A gorjeta dele custava mais do que a refeição, mas valia a pena quando queríamos sair à noite.

– Então ele está atrasado... – falei.

– Deve ter ficado preso.

Dani estendeu a mão para seu telefone.

– Não se preocupe. – Ajeitei o cabelo no meu chapéu. – Eu odiaria interromper o encontro deles.

– Você não pode ir de trem.

– Na verdade, posso, sim.

– É pedir pra morrer.

– Vou ficar bem. Não verificam a linha há semanas. – Eu me levantei. – Café da manhã na segunda?

– Talvez. Pode dar um pouco mais de tempo para a fera. – Ela olhou para o relógio. – É melhor você ir. São quase seis.

Ela estava certa. Eu tinha menos de dez minutos para chegar à estação. Peguei minha jaqueta e corri em direção à porta, falando depressa “Oi, Pieter” para o espírito no canto. Ele brilhou em resposta: um brilho suave e entediado. Não vi isso, mas senti. Pieter estava deprimido de novo. Estar morto às vezes o incomodava.

Havia um jeito adequado de fazer coisas com espíritos, pelo menos na nossa seção. Pieter, por exemplo, um dos nossos espíritos ajudantes – uma musa, se você quiser usar termos técnicos. Eliza o deixava possuí-la, trabalhando em períodos de cerca de três horas por dia, e nesse tempo ela pintava uma obra de arte. Quando ela terminava, eu corria até Garden e a vendia para colecionadores de arte ingênuos. Pieter era temperamental, devo dizer. Às vezes ficávamos meses sem um quadro.

Em uma caverna como a nossa, não havia lugar para a ética. Isso acontece quando você obriga uma minoria a viver no subsolo. Acontece quando

o mundo é cruel. Não havia nada a fazer além de seguir em frente. Tentar sobreviver, ganhar um pouco de dinheiro. Prosperar à sombra do Arconte de Westminster.

Meu trabalho – minha vida – se baseava em Seven Dials. De acordo com o sistema exclusivo de divisão urbana de Scion, a região ficava na Coorte 1, Seção 4, ou 1-4. Estava construída ao redor de um pilar em um cruzamento perto do mercado negro de Covent Garden. Nesse pilar havia seis relógios de sol.

Cada seção tinha seu próprio mime-lorde ou mime-rainha. Juntos, eles formavam a Assembleia Desnatural, que dizia governar o sindicato, mas todos faziam o que bem entendiam nas próprias seções. Dials ficava na coorte central, onde o sindicato era mais forte. Foi por isso que Jax a escolheu. E por isso que ficamos. Nick era o único que tinha o próprio berço, mais ao norte, em Marylebone. Só usávamos o espaço dele para emergências. Nos três anos em que eu trabalhava para Jaxon, houvera apenas uma emergência, quando a Divisão de Vigilância Noturna fez um ataque surpresa aos Dials em busca de alguma pista de clarividência. Um mensageiro nos deu a dica umas duas horas antes da invasão. Conseguimos sair sem deixar nada para trás em metade desse tempo.

Estava úmido e frio lá fora. Uma típica noite de março. Eu sentia espíritos. Dials era uma comunidade pobre na época pré-Scion, e uma miríade de almas miseráveis ainda vagava ao redor da coluna, esperando por um novo objetivo. Chamei algumas delas para o meu lado. Era sempre bom ter um pouco de proteção.

Scion era a última palavra em segurança amaurótica. Qualquer referência a uma vida pós-morte era proibida. Frank Weaver achava que éramos desnaturais, e, como os vários Grandes Inquisidores do passado, ele ensinou o resto de Londres a nos considerar abomináveis. A menos que fosse essencial, só saíamos durante horários seguros. Isso acontecia quando a DVN dormia, e a Divisão de Vigilância Diurna assumia o controle. Os oficiais da DVN não eram videntes. Não tinham autorização para fazer uso da mesma brutalidade que seus colegas noturnos. Não em público, pelo menos.

O pessoal da DVN era diferente. Clarividentes de uniforme. Obrigados a servir durante trinta anos antes de sofrerem eutanásia. Um pacto diabólico, alguns diziam, mas isso lhes garantia trinta anos de uma vida confortável. A maioria dos videntes não tinha essa sorte.

Londres tinha tantas mortes na sua história que era difícil encontrar um local sem espíritos. Eles formavam uma rede de segurança. Ainda assim, era preciso ter esperança de que os que você pegou eram bons. Usar um fantasma frágil só assustaria um assaltante por alguns segundos. Espíritos que tiveram vidas violentas eram os melhores. Por isso que certos deles tinham um preço tão alto no mercado negro. Jack, o Estripador teria valido milhões se alguém tivesse conseguido encontrá-lo. Algumas pessoas ainda juravam que o Estripador era Edward VII, o príncipe caído, o Rei Sangrento. Scion dizia que ele tinha sido o primeiro clarividente, mas nunca acreditei nisso. Eu preferia pensar que nós sempre existimos.

Escurecia lá fora. O céu estava dourado com o pôr do sol, a lua era um sorrisinho branco. Abaixo via-se a cidadela. O Two Brewers, o bar de oxigênio do outro lado da rua, estava lotado de amauróticos. Pessoas normais. Os videntes diziam que eles sofriam de amaurose, assim como eles diziam que nós sofriamos de clarividência. Muitas vezes eles eram chamados de *rotins*.

Nunca gostei dessa palavra. Dava a impressão de que eram rotos, pútridos. Um pouco hipócrita, pois éramos nós que conversávamos com os mortos.

Abotoei minha jaqueta e puxei a aba do boné por sobre os olhos. Cabeça baixa, olhos abertos. Era essa a lei que eu obedecia. Não as leis de Scion.

– Sua sorte por um bob. Só um bob, madame! Melhor oráculo de Londres, madame, juro. Um pouco para um pobre mercadeiro?

A voz pertencia a um homem magro, aninhado em uma jaqueta igualmente magra. Fazia tempo que eu não via um mercadeiro. Era raro na coorte central, onde a maioria dos videntes fazia parte do sindicato. Li a aura dele. Não era nem um pouco um oráculo, e sim um adivinho; um adivinho muito burro – os mime-lords cuspiam em mendigos. Fui direto até ele.

– Que diabos você pensa que está fazendo? – Eu o agarrei pelo colarinho. – Você saiu do berço?

– Por favor, moça. Estou faminto – disse ele, com a voz rouca de desidratação. Ele tinha os tremores faciais de um viciado em oxigênio. – Não tenho impulso. Não conte para o Agregador, moça. Eu só queria...

– Então saia daqui. – Coloquei algumas notas na mão dele. – Não quero saber para onde você vai... só saia da rua. Arrume um albergue. E, se tiver que mercadejar amanhã, faça isso na Coorte VI. Aqui não. Entendeu?

– Deus a abençoe, moça.

Ele reuniu suas poucas posses, sendo que uma delas era uma bola de vidro. Mais barata que a de cristal. Eu o observei fugir em direção ao Soho.

Pobre homem. Se ele gastasse aquele dinheiro num bar de oxigênio, voltaria para as ruas em pouco tempo. Muitas pessoas faziam isto: se ligavam a uma cânula e sugavam ar aromatizado durante horas a fio. Era o único barato legalizado na cidadela. O que quer que aquele mercadeiro tivesse feito, o deixara desesperado. Talvez tivesse sido expulso do sindicato ou rejeitado pela família. Eu não iria perguntar.

Ninguém perguntava.

A Estação I-4B costumava ficar movimentada. Os amauróticos não se importavam com os trens. Não tinham auras que os identificassem. A maioria dos videntes evitava o transporte público, mas às vezes era mais seguro nos trens do que nas ruas. A DVN se espalhava pela cidadela toda. Verificações pontuais eram incomuns.

Havia seis seções em cada uma das seis coortes. Se alguém quisesse sair da sua seção, especialmente à noite, precisava de uma autorização de viagem e de uma dose de boa sorte. Os Subguardas se posicionavam depois do escurecer. Eram uma subdivisão da Divisão de Vigilância Noturna, videntes com boa mira e com a garantia de uma vida padrão. Serviam ao estado para continuarem vivos.

Nunca considerei a possibilidade de trabalhar para Scion. Os videntes podiam ser cruéis uns com os outros – eu me compadecia um pouco dos que se viravam sozinhos –, mas ainda assim tinha uma afinidade com eles. Certamente nunca conseguiria prendê-los. Mesmo assim, às vezes, se eu trabalhava demais durante duas semanas e Jax se esquecia de me pagar, me sentia tentada.

Escaneei meus documentos com dois minutos de sobra. Depois de ultrapassar as barreiras, liberei meu enlace. Os espíritos não gostavam de ser levados para muito longe de seus locais assombrados e não me ajudariam se eu os obrigasse a fazer isso.

Minha cabeça estava latejando. Qualquer que fosse o remédio que Dani bombeara nas minhas veias, estava se esgotando. Uma *hora* no éter... Jaxon realmente estava forçando meus limites.

Na plataforma, um Nixie verde luminoso mostrava os horários dos trens; fora isso, havia pouca luz. A voz gravada de Scarlett Burnish saía pelos alto-falantes:

Este trem para em todas as estações na Coorte 1, Seção 4, em direção ao norte. Por favor, deixem seus cartões preparados para inspeção. Observem as telas de segurança para conhecer os boletins desta noite. Obrigada, e tenham uma ótima noite.

Eu não estava tendo uma ótima noite de jeito nenhum. Não comia desde o amanhecer. Jax só me deixava tirar um intervalo de almoço se estivesse de muito bom humor, o que era quase tão raro quanto maçãs azuis.

Uma nova mensagem apareceu nas telas de segurança. TDR: TECNOLOGIA DE DETECÇÃO RADIESTÉSICA. Os outros passageiros nem repararam. Essa propaganda passava o tempo todo.

Em uma cidadela tão populosa quanto Londres, é comum achar que você pode estar viajando ao lado de um indivíduo desnatural. Uma pantomima de silhuetas apareceu na tela, cada uma representando um cidadão. Uma delas ficou vermelha. As instalações da sciOEPEC estão testando a TDR Sencscudo no complexo do Terminal de Paddington, assim como no Arconte. Até 2061, nossa meta é ter instalado o Sencscudo em oitenta por cento das estações na coorte central, permitindo a redução do emprego de policiais desnaturais no Metrô. Visite Paddington ou peça mais informações a um oficial da DVD.

As propagandas continuaram, mas essa ficou reverberando na minha cabeça. A TDR era a maior ameaça à sociedade vidente na cidadela. De acordo com Scion, ela podia detectar uma aura a até seis metros de distância. Se não houvesse um grande atraso naqueles planos, seríamos forçados ao confinamento até 2061. Típico dos mime-lordes: nenhum deles pensou em uma solução. Apenas brigavam por isso. E brigavam. E brigavam por causa das brigas.

Auras vibravam na rua acima de mim. Eu era um diapasão, zumbindo com a energia delas. Em busca de uma distração, manuseei minha identidade. Ela trazia minha foto, nome, endereço, impressões digitais, local de nascimento e ocupação. Srta. Paige E. Mahoney, residente naturalizada da 1-5. Nascida na Irlanda em 2040. Mudou-se para Londres em 2048 sob circunstâncias especiais. Funcionária de um bar de oxigênio na 1-4, com autorização de viagem. Loura. Olhos cinzentos. Um metro e setenta e cinco de altura. Nenhuma característica distintiva além dos lábios escuros, provavelmente devido ao fumo.

Eu nunca tinha fumado na vida.

Uma mão úmida agarrou meu pulso. Pulei de susto.

– Você me deve um pedido de desculpas.

Ergui os olhos e me deparei com um homem de cabelo escuro usando um chapéu-coco e uma gravata branca suja. Eu devia tê-lo reconhecido apenas pelo fedor: Haymarket Hector, um dos nossos rivais menos higiênicos. Estava sempre fedendo a esgoto. Infelizmente, ele também era o Sublorde, o maior mandachuva do sindicato. Seu território era o Devil's Acre.

– Nós ganhamos o jogo. Foi uma disputa justa. – Puxei meu braço. – Você não tem nada para fazer, Hector? Limpar os dentes seria um bom começo.

– Talvez *você* devesse limpar seu jogo, sua pilantrinha. E aprender a respeitar seu Sublorde.

– Não sou trapaceira.

– Ah, acho que você é, sim. – Ele mantinha a voz baixa. – Qualquer que seja a aparência e a graça que aquele seu mime-lorde invente, todas as sete são trapaceiras e mentirosas desagradáveis. Ouvi dizer que você é a mais querida do mercado negro, minha cara Onírica. Mas você vai desaparecer. – Ele tocou um dedo em minha bochecha. – Todas desaparecem no fim.

– Você também vai.

– Veremos. Em breve. – Ele sussurrou as palavras seguintes no meu ouvido: – Tenha uma viagem *bem* segura de volta pra casa, boneca. – E desapareceu no túnel de saída.

Eu tinha que tomar cuidado perto de Hector. Como Sublorde, ele não exercia nenhum poder de verdade sobre os outros mime-lordes – seu único papel era convocar reuniões –, mas contava com muitos seguidores. Ele estava chateado desde que a minha gangue deu uma surra em seus lacaios no *tarocchi*, dois dias antes do leilão de Naylor. O pessoal do Hector não gostou de perder. Jaxon não ajudou nem um pouco, irritando-os. A maioria das pessoas da minha gangue tinha evitado receber a luz verde, ficando fora do caminho deles, mas Jax e eu éramos muito rebeldes. A Onírica Pálida – como eu era conhecida nas ruas – estava em algum ponto da lista de extermínio deles. Se algum dia me encurralassem, eu estaria morta.

O trem chegou com um minuto de atraso. Eu me larguei num assento vago. Só havia outra pessoa no vagão: um homem lendo o *Linhagem Diá-*

ria. Ele era vidente, um médium. Fiquei tensa. Jax não era uma pessoa sem inimigos, e muitos videntes me conheciam como sua concubina. Também sabiam que eu vendia obras de arte que nunca poderiam ter sido pintadas pelo verdadeiro Pieter Claesz.

Peguei meu tablet de dados básico e escolhi minha ficção jurídica preferida. Sem um enlace para me proteger, a única segurança real que eu tinha era parecer o mais normal e amaurótica possível.

Permaneci de olho no homem conforme passava as páginas. Percebi que estava no radar dele, mas nenhum de nós falou nada. Como ele ainda não tinha me agarrado pelo pescoço nem me dado uma surra até eu perder a consciência, imaginei que não devia ser um recém-enganado entusiasta das artes.

Arrisquei dar uma olhada em seu exemplar do *Linhagem*, o único jornal ainda impresso em massa. Era fácil demais fazer uso impróprio do papel; os tablets de dados apenas nos permitiam fazer download da pouca mídia aprovada pelo censor. Vi as mesmas notícias de sempre. Dois jovens enforcados por alta traição, um empório suspeito fechado na Seção 3. Havia um longo artigo rejeitando a ideia “desnatural” de que a Grã-Bretanha estava politicamente isolada. O jornalista chamava Scion de “um império embrionário”. Diziam isso desde que eu me entendia por gente. Se Scion ainda era um embrião, eu definitivamente não queria estar ali quando saísse do útero.

Quase dois séculos tinham se passado desde o início de Scion, que foi estabelecido em resposta a uma ameaça percebida contra o império. A *epidemia*, como eles chamavam – uma epidemia de clarividentes. A data oficial era 1901, quando atribuíram cinco assassinatos terríveis a Edward VII. Diziam que o Rei Sangrento havia aberto uma porta que nunca mais poderia ser fechada, que ele trouxera a praga da clarividência para o mundo e que seus seguidores estavam por toda parte, se reproduzindo e matando, extraindo o poder dele de uma fonte de grande maldade.

O que veio a seguir foi Scion, uma república construída para destruir a doença. Ao longo dos cinquenta anos seguintes, se tornou uma máquina de caçar videntes, com todas as principais políticas baseadas nos desnaturais. Os assassinatos sempre eram cometidos pelos desnaturais. A violência aleatória, roubos, estupros, incêndios criminosos: tudo acontecia por causa

dos desnaturais. Ao longo dos anos, o sindicato dos videntes se desenvolveu na cidadela, formou um submundo organizado e ofereceu um refúgio aos clarividentes. Desde então, Scion trabalhou com ainda mais afincado para nos eliminar.

Uma vez instalada a TDR, o sindicato desmoronaria, e Scion se tornaria onisciente. Tínhamos dois anos para fazer alguma coisa em relação a isso, mas, com Hector no cargo de Sublorde, eu não achava que seria possível. Seu reinado não trouxe nada além da corrupção.

O trem passou por três paradas sem incidentes. Eu estava no fim do capítulo quando as luzes se apagaram e o trem parou. Percebi o que estava acontecendo um nanossegundo antes do outro passageiro. Ele se empertigou no assento.

– Vão vasculhar o trem.

Tentei falar para confirmar seu medo, mas minha língua parecia um pedaço de pano dobrado.

Desliguei meu tablet de dados. Uma porta se abriu na parede do túnel. O mostruário Nixie do vagão mudou para ALERTA DE SEGURANÇA. Eu sabia o que vinha a seguir: dois Subguardas fazendo a ronda. Havia sempre um chefe, normalmente um médium. Eu nunca havia passado por uma verificação pontual antes, mas sabia que pouquíssimos videntes escapavam.

Meu coração disparou. Olhei para o outro passageiro, tentando analisar sua reação. Ele era um médium, mas não era especialmente poderoso. Eu não fazia ideia de como conseguia identificar, minha antena simplesmente apontava para um certo lado.

– Temos que sair deste trem. – Ele se levantou. – O que você é, querida? Um oráculo?

Não respondi.

– Sei que você é vidente. – Ele puxou a maçaneta da porta. – Venha, querida, não fique só aí sentada. Deve ter um jeito de sair daqui. – Ele secou a testa com a manga. – De todos os dias para uma verificação pontual... o *único dia*...

Não me mexi. Não havia como escapar daquilo. As janelas eram reforçadas, as portas estavam trancadas... e nós não tínhamos tempo. Duas lanternas iluminaram o vagão.

Fiquei imóvel. Subguardas. Eles devem ter detectado um certo número de videntes no vagão, ou não teriam apagado as luzes. Eu sabia que eles conseguiam ver nossas auras, mas precisavam descobrir exatamente que tipo de videntes nós éramos.

Eles estavam no vagão. Um invocador e um médium. O trem continuou a se mover, mas as luzes não se acenderam. Foram primeiro até o homem.

– Nome?

Ele se empertigou.

– Linwood.

– Motivo da viagem?

– Estou voltando de uma visita a minha filha.

– Visita a sua filha. Tem certeza de que não está a caminho de uma sessão espírita, médium?

Aqueles dois estavam querendo briga.

– Tenho os documentos necessários do hospital. Ela está muito doente – disse Linwood. – Tenho permissão para vê-la toda semana.

– Não vai ter permissão para vê-la de jeito nenhum se abrir essa matraca de novo. – Ele virou e gritou para mim: – Você. Cadê seu cartão? – Eu o puxei do bolso. – E a sua autorização de viagem? – Eu a entreguei. Ele parou para ler. – Você trabalha na Seção 4?

– Sim.

– Quem emitiu essa autorização?

– Bill Bunbury, meu supervisor.

– Entendo. Mas preciso verificar outra coisa. – Ele inclinou a lanterna na direção dos meus olhos. – Fique parada. – Não hesitei. – Nada de visão espiritual – observou ele. – Você deve ser um oráculo. Nossa, faz tempo que não ouço falar *disso*.

– Não vejo um oráculo com peitinhos desde os anos quarenta – disse o outro Subguarda. – Eles vão adorar essa daí.

Seu superior sorriu. Ele tinha um coloboma em cada olho, uma marca de visão espiritual permanente.

– Você está prestes a me deixar muito rico, minha jovem – disse ele. – Deixe-me só dar mais uma checada nesses olhos.

– Não sou um oráculo – falei.

– Claro que não é. Agora cale a boca e abra esses refletores.

A maioria dos videntes achava que eu era um oráculo. Um erro comum. As auras eram semelhantes – da mesma cor, na verdade.

O guarda abriu meu olho esquerdo com os dedos. Ele estava examinando minhas pupilas com uma caneta-lanterna, procurando o coloboma que não existia, e o outro passageiro tentou escapar pela porta aberta. Houve um tremor quando ele arremessou um espírito – seu anjo da guarda – nos Subguardas. O reforço deu um gritinho ao ser atingido pelo anjo, que baunçava seus sentidos como uma bateadeira com ovos poché.

O Subguarda 1 era rápido demais. Antes que alguém conseguisse se mexer, ele invocou um enlace de poltergeists.

– Não se mexa, médium.

Linwood o encarou de cima a baixo. Ele era um homem baixinho em seus quarenta anos, magro mas musculoso, o cabelo castanho ficando grisalho nas têmporas. Não consegui ver os poltergeists – ou qualquer outra coisa, por causa da caneta-lanterna –, mas eles me deixaram fraco demais para me mover. Conteí três. Eu nunca tinha visto alguém controlar *um* poltergeist, quanto mais três. Um suor frio brotou na minha nuca.

Quando o anjo se preparou para um segundo ataque, os poltergeists começaram a rodear o Subguarda.

– Venha quietinho com a gente, médium – disse ele –, e pediremos aos nossos chefes para não o torturarem.

– Podem fazer o pior, cavalheiros. – Linwood levantou uma das mãos. – Não tenho medo de homem algum, tendo anjos ao meu lado.

– É o que todos dizem, sr. Linwood. Mas parecem se esquecer disso quando veem a Torre.

Linwood arremessou seu anjo pelo vagão. Não consegui ver a colisão, mas ela ferveu meus sentidos rapidamente. Eu me obriguei a levantar. A presença dos três poltergeists estava sugando minha energia. Linwood falava com agressividade, mas eu sabia que ele os sentia, que lutava para fortalecer seu anjo. Enquanto o invocador controlava os poltergeists, o Subguarda 2 estava recitando a trenódia: uma série de palavras que fazia os espíritos morrerem completamente, enviando-os para um reino além do alcance dos videntes. O anjo estremeceu. Precisavam saber seu nome completo para bani-lo, mas, enquanto um deles continuasse cantando, o anjo ficaria fraco demais para proteger seu hospedeiro.

Sangue latejava nos meus ouvidos. Minha garganta se fechou, meus dedos ficaram dormentes. Se eu permanecesse quieta, nós dois seríamos detidos. Eu me vi na Torre, sendo torturada, na força...

Não era o meu dia de morrer.

Conforme os poltergeists se concentravam em Linwood, alguma coisa aconteceu com a minha visão. Foquei nos Subguardas. As mentes deles latejavam perto da minha, eram dois anéis pulsantes de energia. Ouvi meu corpo atingir o chão.

A minha intenção era apenas desorientá-los, conseguir tempo para escapar. Eu tinha o elemento surpresa. Eles haviam me deixado de lado. Oráculos precisavam de um enlace para serem perigosos.

Eu não.

Uma onda negra de medo me atingiu. Meu espírito voou para fora do meu corpo, indo direto para o Subguarda 1. Antes que eu percebesse o que estava fazendo, *entrei* no plano onírico dele. Não fiquei apenas diante dele – entrei ali, através dele. Puxei seu espírito para o éter, deixando o corpo vazio. Antes que seu colega conseguisse respirar, ele teve o mesmo destino.

Meu espírito voltou para o corpo. A dor explodiu atrás dos meus olhos. Eu nunca tinha sentido uma dor como essa em toda a minha vida; eram facas perfurando meu crânio, fogo no tecido do meu cérebro, tão quente que eu não conseguia ver nem me mexer ou pensar. Eu mal tinha consciência do piso grudento do vagão tocando meu rosto. O que quer que eu tivesse acabado de fazer, não era algo que eu pudesse repetir tão cedo.

O trem balançou. Devia estar perto da próxima estação. Apoiei meu peso nos cotovelos, os músculos tremendo com o esforço.

– Sr. Linwood?

Nenhuma resposta. Engatinhei até onde ele estava deitado. Quando o trem passou por uma luz de serviço, vi seu rosto.

Morto. Os poltergeists tinham esvaziado o espírito dele. Seu documento estava no chão. William Linwood. Quarenta e três anos. Dois filhos, uma com fibrose cística. Casado. Bancário. *Médium*.

Será que a esposa e os filhos sabiam de sua vida secreta? Ou eles eram amauróticos, alheios a isso?

Eu precisava recitar a trenódia, senão ele assombraria aquele vagão para sempre.

– William Linwood – falei –, vá para o éter. Está tudo acertado. Todas as dívidas estão pagas. Você não precisa mais habitar entre os vivos.

O espírito de Linwood estava vagando ali perto. O éter sussurrou enquanto ele e seu anjo desapareciam.

As luzes se acenderam. Minha garganta se fechou.

Havia dois outros corpos no chão.

Usei um corrimão para ficar de pé novamente. Minha palma úmida mal conseguia segurá-lo. A poucos centímetros dali, o Subguarda 1 estava morto, com a surpresa ainda estampada no rosto.

Eu o matei. Matei um Subguarda.

Seu companheiro não teve tanta sorte. Ele estava de costas, com os olhos encarando o teto, um fio de saliva escorrendo pelo queixo. Ele se debateu quando me aproximei. Senti calafrios na espinha e o gosto de bÍlis queimou minha garganta. Eu não tinha empurrado seu espírito para longe o suficiente. Ele ainda vagava nas partes sombrias da mente: as partes secretas e silenciosas onde nenhum espírito deveria habitar. Ele tinha enlouquecido. Não. *Eu* o tinha enlouquecido.

Meu maxilar ficou tenso. Eu não podia deixá-lo daquele jeito – nem mesmo um Subguarda merecia tal destino. Coloquei as mãos frias nos ombros dele e me preparei para um assassinato misericordioso. O homem soltou um gemido e sussurrou:

– Me mate.

Eu tinha que fazer isso. Devia isso a ele.

Mas não consegui. Simplesmente não consegui matá-lo.

Quando o trem chegou à Estação 1-5C, esperei perto da porta. No instante em que os passageiros seguintes encontraram os corpos, era tarde demais para que me alcançassem. Eu já estava à frente deles na rua, com o boné puxado para esconder o rosto.

Título original
THE BONE SEASON

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2013
pela Bloomsbury Publishing Plc

Copyright © 2013 by Samantha Shannon-Jones

O direito moral da autora foi assegurado.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra
pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou
meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema
de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil



GERENTE EDITORIAL
Ana Martins Bergin

EDITORA
Larissa Helena

EQUIPE EDITORIAL
Manon Bourgeade (arte)
Milena Vargas
Viviane Maurey

ASSISTENTES
Gilvan Brito
Silvânia Rangel (Produção Gráfica)

REVISÃO
Wendell Setubal

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS
Nina Lopes

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Shannon, Samantha
S54t Temporada dos ossos / Samantha Shannon; tradução de Cláudia
Mello Belhassof. – Primeira edição. – Rio de Janeiro: Fantástica
Rocco, 2016.

(Temporada dos ossos; 1)

Tradução de: The bone season
ISBN 978-85-68263-07-5

1. Fantasia – Ficção . 2. Ficção inglesa. I. Belhassof, Cláudia
Mello. II. Título. III. Série.

15-20429

CDD-028.5

CDU-087.5

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.